



INOVAR NA EDUCAÇÃO

Maria Beatriz de Carvalho Melo Lobo

O que é possível uma nova instituição de ensino superior fazer no Brasil para mudar a nossa educação básica?

O principal problema é seu porte: ela não pode mudar a educação brasileira pelo número de egressos, pelas dimensões brasileiras seus formandos serão um pingo no oceano.

Ela não pode ser um modelo de instituição amplamente reproduzido, porque a educação brasileira não tem feito investimentos e alocado recursos orçamentários para construir instituições capazes de fornecer um bom ensino baseada em boas estruturas humanas e físicas, que é caro, além da necessidade de que os estudantes participem da escola em horários amplos e flexíveis, o que impõe a necessidade de maior convívio diário de professores e alunos na instituição.

Outra possibilidade é criar uma nova e boa escola de formação de professores. Neste caso, há duas possibilidades claras:

1. criação de mais uma escola que acompanhe os modelos mais bem sucedidos no Brasil e que se some às demais boas escolas para ajudar na formação de professores, dentro dos atuais conceitos de educação básica e de suas metodologias. Nada de mais, só mais uma escola.
2. compreender que mesmo as atuais escolas se baseiam em um ensino que não trouxe ao Brasil o desenvolvimento cultural avançado que poderá propiciar uma alavanca para o progresso científico, tecnológico, artístico e cultural que prepararão o País para assumir uma liderança internacional nestas áreas, como ocorreu com os Estados Unidos, que não era muito diferente de nós há cem anos passados, embora já contasse com alguns intelectuais fortes, em parte devido às origens coloniais mais cultas e, mais importante, que tiveram influência nas decisões nacionais. Esta instituição teria como missão investigar, aplicar e reproduzir uma nova forma de educar, com os olhos no mundo e o pé no Brasil, para incorporar as melhores práticas internacionais, a mais moderna tecnologia



educacional, adaptando-as ao Brasil por meio de práticas e pesquisas que as justificassem e as consolidassem, podendo então servir de exemplo para a necessária revolução no ensino brasileiro.

Admitindo o segundo modelo, imagina-se esta instituição com uma dinâmica voltada às discussões permanentes sobre métodos de ensino por área do conhecimento, por tipo de aluno e origem, por situação geográfica da escola, nas pesquisas sobre o comportamento do professor, suas lideranças, formas de se relacionar com seus alunos, desenvolvimento das pesquisas sobre a psicologia da aprendizagem do aluno brasileiro, a adaptação de tecnologias ao aluno e ao colégio no Brasil, com fortíssimo intercâmbio internacional por parte de professores e alunos. Professores curiosos, em período integral, discutindo suas experiências, seus estudos e suas teorias de educação entre si, com os alunos e com seus pares nacionais e internacionais. Sem isso, para que criar uma nova faculdade de educação?

Texto inserido no site em março de 2011.